

CRÍTICA / TEATRO / PERDOA-ME POR ME TRAÍRES

Me perdoa por te amares assim

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde o primeiro instante, o espetáculo “Perdoa-me por me traíres”, em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim, nos mergulha num paradoxo visceral: em Nelson Rodrigues, o amor é força avassaladora capaz de levar o sujeito à submissão mais humilhante. É o amor que se alimenta do próprio veneno — que se curva, se rebaixa e, ainda assim, não deixa de desejar.

O que vemos no palco é um universo tingido de vermelho. Os figurinos, com exceção dos uniformes das duas personagens adolescentes, obedecem a uma paleta rubra que não se limita a ser escolha estética: é metáfora viva, explosão de sangue e pulsão, marca de violência e desejo. O cenário, inspirado em O Desvio para o Vermelho, de Cildo



Divulgação

Meireles, cria um espaço saturado e inquietante, onde cada objeto respira a tensão entre paixão e morte.

A trilha sonora, com clássicos de Chico Buarque, dialoga com falas e silêncios, criando camadas de emoção que intensificam a

culpa, o luto e o erotismo reprimido. Canções conhecidas se transformam em comentários sobre a ação, como se a própria música fosse personagem — cúmplice e acusadora.

No centro da trama está Glorinha, adolescente que decide se prostituir para vingar a morte da mãe. Vivendo com os tios Raul e Odete, acredita que a mãe se suicidou e que o pai enlouqueceu. Ao entrar para um bordel, desafia a vigilância obsessiva de Raul — e a verdade sobre sua origem vem à tona.

O texto, escrito em 1957 e ainda atual, expõe temas como feminicídio, prostituição de menores, hipocrisia social e aborto clandestino. O impacto vem do choque entre a violência explícita e a fragilidade afetiva dos personagens, fazendo o público oscilar entre repulsa e compaixão. No final, permanece um gosto amargo: o perdão em Nelson Rodrigues nunca é inocente, e a reconciliação, se existe, vem impregnada de mágoa.

Escrito em 1957, o texto de Nelson Rodrigues segue atual

SERVIÇO

PERDOA-ME POR ME TRAÍRES

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema)

Até 31/8, sextas e sábados (19h30) e domingos (18h30)

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Influência de Rita

Numa grande homenagem à cantora e compositora Rita Lee, a In Cena Produções encena “República Lee – Um Musical ao Som de Rita” no Rio, depois de sucesso de público e indicações a prêmios na capital paulista. Com texto e direção de Tauã Delmiro, a comédia não-biográfica faz curta temporada no Teatro dos 4, com sessões às terças e quartas, às 20h. Idealizado por Cella Bártholo, o espetáculo é embalado por clássicos do repertório de Rita como “Agora Só Falta Você”, “Nem Luxo, Nem Lixo” e “Desculpe o Auê”.

Gabé/Divulgação



Divulgação

Camadas emocionais

O monólogo “Absolvição”, com Andriu Freitas e direção de Daniel Herz, entra em sua última semana em cartaz no Centro Cultural do Poder Judiciário do Rio (CCPJ-RJ). A peça apresenta as confissões de um homem que caça abusadores infantis para fazer justiça pelas próprias mãos. O texto do dramaturgo irlandês Owen O’Neill, traduzido por Diego Teza, questiona os limites entre ética e justiça através de uma narrativa de saltos temporais que revelam as camadas emocionais de um protagonista atormentado. Segundas e quartas, às 18h30. Grátis.



Divulgação

Marisa para miúdos

A EcoVilla Ri Happy recebe neste sábado (16), às 9h30, mais uma edição do Sábado Musical com homenagem à cantora Marisa Monte. O projeto, conduzido pela atriz e cantora Julia Ludolf, apresenta sucessos da MPB para crianças e adultos através de teatro, brincadeiras e música. A programação inclui clássicos do repertório da cantora e compositora como “Bem Que Se Quis”, “Beija Eu” e “Ainda Lembro”, misturando arte e pedagogia para fomentar a cultura brasileira. O evento busca aproximar diferentes gerações da música popular brasileira de forma lúdica e educativa.